



DISSENSOS EM TORNO DAS MARGENS E CENTROS: PLANEAMENTO URBANO E CONTESTAÇÃO NA ZONA ORIENTAL DO PORTO

Priscilla Santos
Universidade Nova de Lisboa / ISCTE

Resumo

Este artigo pretende discutir as noções de centro/margem, ou centralidade/marginalidade, no planeamento urbano e suas contestações. O objetivo é analisar como essas noções são mobilizadas de forma não consensual nas conceções de identidade urbana pelo governo local e por profissionais da chamada “classe criativa” com foco na zona oriental do Porto, mais detidamente no Bonfim. A partir da análise do novo Plano Diretor Municipal do Porto e de entrevistas semi-diretivas com profissionais da chamada “classe criativa” no Bonfim, busco compreender como a autarquia associa a noção de identidade urbana à de centralidade. O centro histórico do Porto seria uma referência incontestável da identidade urbana da cidade, coesa e historicamente construída. Já para os profissionais da “classe criativa”, a identidade urbana também seria criada nas margens e interstícios, produzida por classes não-dominantes e por modos alternativos de se fazer cidade. Este debate será introduzido numa discussão mais ampla sobre centro/margem no planeamento urbano e seu agenciamento estratégico no posicionamento das urbes na concorrência global intercidades.

Palavras-chave: *planeamento urbano; identidade; classe criativa; centralidade/marginalidade*

DISSENTS AROUND THE MARGINS AND CENTERS: URBAN PLANNING AND CONTESTATION IN EAST PORTO

Priscilla Santos
Universidade Nova de Lisboa / ISCTE

Abstract

This article discusses the notions of core/periphery, or centrality/marginality, in urban planning and its contestations. It explores how centrality/marginality is mobilised in non-consensual ways in the conception of urban identity by the local government and professionals of the so-called “creative class”. It focuses on the urban area of Bonfim, East Porto, through the analysis of urban planning documents and semi-direct interviews conducted with “creative class” professionals. I sought to find out how the local council associates the notion of urban identity with centrality; it appears that the council considers Porto’s historic centre as a reference for its urban identity. However, for “creative class” professionals, urban identity is also created in the margins and interstices, by the non-dominant classes. This theme is introduced within a broader discussion on the concept of core/periphery in urban planning and how it is strategically mobilised in the context of global intercity competition.

Keywords: *urban planning; identity; creative class; centrality/marginality*

Introdução

As cidades têm sido um *locus* privilegiado na economia global, em que se assiste a uma simultânea dispersão de atividades económicas especializadas por diversas partes do mundo e a uma concentração de infraestruturas para estas atividades em certas urbes, que se configurariam enquanto pontos nodais de um circuito económico global (Sassen, 2008, 2018). Esse processo levaria a uma nova geografia das centralidades e marginalidades (Sassen, 2018), que se foca em lugares estratégicos, valorizando-os em detrimento do que está à margem dos centros do capitalismo. Essa dinâmica entre centralidades e marginalidades produzida via economia global inscreve-se localmente nas cidades por meio do planejamento urbano (Hall, 2021; Sassen, 2008, 2018; Robinson, 2006). As requalificações urbanas seriam estratégias para melhorar o posicionamento das urbes na hierarquia global entre cidades ou, nas palavras de Hall (2021), tentativas de converter as margens em novos centros.

Neste debate, Robinson (2006) contesta as abordagens que categorizam ou colocam as cidades em rankings, afirmando que embora a ideia de cidade-global ou cidade-mundo tenha contribuído para colocar no mapa urbes que não estão no centro político-económico do globo – como algumas metrópoles do Sul-Global –, esta reproduz a hierarquia entre cidades instalada pela Modernidade/Colonialismo. Para a autora, a cidade-global ter-se-ia tornado uma ficção regulatória que coloca algumas urbes como exemplos a serem imitados pelas demais. Potencialmente, todas as cidades estariam em busca de melhorar sua posição nessa hierarquia global. Inclusive, e talvez principalmente, aquelas que estão distantes das melhores posições: “Esses processos de formação de cidade-mundo são talvez mais relevantes para cidades definidas como fora do mapa de cidades-mundo, mas ansiosas por trilhar seu caminho até lá” (Robinson, 2006, p. 113). Em contrapartida, a autora propõe olhar para todas as cidades como *comuns* (*ordinary*), perspetivando suas diferenças e distinções enquanto diversidade e não como categorias hierárquicas. Para Robinson, abrir-se-iam assim outros modos possíveis de

se fazer cidade – sem desconsiderar as restrições das contestações e as relações de poder desiguais –, que podem inspirar também outros modos de urbanismo. Um urbanismo que saia de um olhar desenvolvimentista, que pretende sempre “evoluir” as cidades no sentido margem-centro.

Alinhando a esta literatura, neste artigo pretendo debater as interseções entre uma nova geografia dos centros e margens (Sassen, 2018), planejamento urbano e políticas de contestação a partir de uma dimensão territorial: o Bonfim, na chamada zona oriental do Porto, Portugal. O objetivo é articular duas principais reflexões: primeiramente, compreender como a referência de centro/centralidade se inscreve no planejamento urbano da cidade do Porto – cujo enfoque recai atualmente em converter as margens da cidade, da chamada zona oriental, em novas centralidades. Em segundo lugar, discutir como esse processo é contestado por atores sociais locais em seus discursos e práticas contra a hegemonia da cidade-centro. Na tríade competitividade global entre cidades, requalificação urbana e políticas de contestação, pretende-se contribuir especialmente neste último quesito, tentando demonstrar como discursos e práticas urbanas contra-hegemónicas conformam-se enquanto resistência e novas possibilidade de se fazer-cidade (Agier, 2015).

Começo por apresentar brevemente o enquadramento teórico deste debate, seguido pela contextualização da área de estudo e metodologia. Analiso depois trechos do Plano Diretor Municipal (PDM) do Porto (CMP, 2020), apontando como nele se articula a ideia de converter as margens da cidade em novos centros, tendo o centro histórico como referência incontestável da identidade urbana portuense. Em seguida, contraponho essa análise do PDM às narrativas de cidade de indivíduos ligados às “classes criativas” (Florida, 2012) que protagonizam a resistência às políticas de centralidade pensadas para a zona oriental do Porto e reclamam a existência de identidade da cidade em suas margens e interstícios. Concluo numa reflexão sobre como as noções de identidade e de centralidade-marginalidade são acionadas de maneira estratégica tanto pelos planejadores urbanos quanto pelos agentes de contestação, porém, em sentidos opostos.

Das margens ao centro

Sassen (2018) afirma que a nova geografia da centralidade e marginalidade que surgiu com a economia globalizada reproduziria desigualdades existentes, mas também resultaria de dinâmicas específicas do atual crescimento económico: as cidades globais acumulam poder económico enquanto as antes importantes cidades industriais, inclusive no Norte Global, entraram em declínio. As hierarquias entre cidades, a nível global e regional, criaram um território periférico excluído das dinâmicas que impulsionam a nova economia global. À escala da cidade, essa lógica se reproduziria: as áreas centrais e de negócios concentrariam os investimentos em imobiliário e telecomunicações nas áreas metropolitanas, enquanto as regiões mais marginais careceriam de recursos.

A não ser quando o propósito é transformá-las em novas centralidades, como Sassen (2008) já havia observado antes. Segundo a autora, as economias urbanas avançadas se conectariam ao planeamento urbano por via da requalificação de áreas centrais e marginais das cidades. Estas formariam, a seu ver, parte de um plano de atração não apenas de empresas globais como de empreendimentos culturais e, acrescenta-se aqui a partir de Harvey (2012), do turismo. Requalificar partes-chave das urbes, afirma Sassen (2008), seria uma plataforma para o rápido crescimento de atividades e fluxos globais nos âmbitos económico, cultural e político. Isso explicaria tanto porque a arquitetura e o planeamento urbano se tornaram tão importantes nas últimas décadas quanto porque existe uma crescente disputa por espaço nas cidades, emergindo daí um novo tipo de política centrada na ideia de direito à cidade (Lefebvre, 1968; Harvey, 2012). Sassen (2008) faz, assim, uma conexão entre competitividade global entre cidades, requalificação urbana e emergência de políticas de contestação.

Numa linha similar de articulação dos conceitos de centro e margem, centralidade e marginalidade enquanto referência e contra-referência para políticas urbanas e de contestação, Hall (2021) afirma que a forma como a cidade se projeta para o mundo, e inclusive para si mesma, é como um “centro”. No imaginário global, afirma a autora, centros

são tidos como grupos de espaços e pessoas compatíveis: distritos de negócios, *hubs* tecnológicos e zonas culturais, por exemplo. A centralidade seria, pois, construída por meio de relações de poder, prestígio e lucro, requerendo suas próprias formas de segregação por meio de regulações que codificam privilégios e reforçam exclusões.

Em um contexto de globalização do espaço central, os centros urbanos detêm um status proeminente classificado em uma tabela internacional de reivindicações por vantagem competitiva. A sua ligação à margem é prestada como subsidiária. Planejadores olham para a imagem e ideia do centro para iniciar ou replicar o que é considerado um sucesso. Eles tendem a olhar para as margens para conter ou mitigar o que consideram uma falha e, quando possível e rentável, para tornar a margem mais parecida com o centro (Hall, 2021, p. 119).

Hall (2021) contextualiza as iniciativas de regeneração urbana enquanto tentativas de reposicionar margens e centros ou, de maneira mais explícita, de recomposição de margens em novos centros. Segundo a autora, os projetos de reabilitação urbana teriam sido intensificados em cidades europeias como Londres, *lócus* de sua pesquisa, enquanto parte de um plano de recuperação da crise financeira global iniciada em 2008 – que, em Portugal, atingiu seu ápice em 2011 colocando a financeirização imobiliária enquanto um dos cerne das políticas de austeridade. Sob o édito do “liberalismo espacial” (Hall, 2021), as cidades globais teriam filiado um pacto mercado-estado colocando pressão nas margens, procurando trazê-las mais próximas ao centro aumentando seu valor de troca, ainda que com custos humanos.

A centralidade, afirma Hall (2021), seria uma forma de dominação política e económica que tem o espaço como meio. Uma economia-política da centralidade, diz a autora, se baseia não apenas na economia, mas também na anexação cultural – pela valorização ou relegação do que e quem importa. Mas essa tentativa de empurrar a margem em direção ao centro encontra repertórios de resistência forjados, segundo a autora, por subdivisões ativas do espaço, reinvenções de posse e formações de alianças. “Apesar da

dominância opressiva da centralidade e seus efeitos segregadores, continua essencial reconhecer as contestações cotidianas que reforçam os significados das margens enquanto espaços vitais fora da centralidade” (Hall, 2021, p. 120). Nesse sentido, a autora se questiona: como os fazedores das margens – pessoas vivendo e trabalhando em territórios limiares – resistem à ambição do estado e do mercado em substituir a margem por um centro?

O urbanismo, segundo Harvey (2009), seria um ponto privilegiado para capturarmos alguns aspetos importantes de processos sociais que operam na sociedade como um todo, tornando-se um espelho no qual outros aspetos sociais se refletem: “O centro urbano, por exemplo, contém uma periferia, pois não pode haver centro sem uma periferia e cada um ajuda a definir o outro” (Harvey, 2009, p. 16). Em sua visão, as bordas servem para amarrar relacionalmente a inevitável coprodução de centralidade e marginalidade por meio de sistemas altamente organizados de dominação e espoliação – que, no entanto, encontram os mais variados tipos de contestação como as que observei nos discursos e práticas urbanas de profissionais da “classe criativa” na zona oriental do Porto. Neste artigo, tento contribuir para os debates sugeridos por essa literatura a partir de uma análise articulada entre o urbanismo que tem como referência incontestável essa noção de centro/centralidade apontada pelos autores (Hall, 2021; Sassen, 2018; Harvey, 2009) e a cidade produzida apesar do planeamento urbano.

Contexto e metodologia

O Bonfim é uma freguesia do município do Porto criada em 1841 a partir da junção de partes de territórios pertencentes antes a três outras freguesias da cidade: Sé e Santo Ildefonso, na área central, e Campanhã, no extremo oriente do concelho. Embora tenha sido sempre alvo de marginalização simbólica (Pinto, 2005 e 2012), a zona oriental teve centralidade económica no período de industrialização do Porto, quando concentrou boa parte das fábricas. Dessa época permaneceram

casas operárias – muitas nas chamadas *ilhas*¹ –, além de palacetes burgueses oitocentistas que dividem espaço atualmente com prédios residenciais, alguns edifícios de estilo arte nova e modernista de interesse patrimonial. O Bonfim possui uma Área de Reabilitação Urbana (ARU) desde 2015, que se caracteriza especialmente por incentivos fiscais para requalificação do edificado com meios privados.

O contexto deste estudo dá-se no Bonfim, mais detidamente no entorno alargado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, onde são observadas quatro principais características socioespaciais: presença de antigos prédios industriais, alguns em estado de abandono, outros já reutilizados ou em obras; oferta de comércios tradicionais ou vernaculares (Zukin, 2012); ambiência artística decorrente da influência da Faculdade de Belas-Artes, que promove no entorno não apenas a circulação de artistas e estudantes de artes como presença de ateliês, galerias, cafés e restaurantes *artsy*, empreendidos e/ou frequentados por esse público. O quarto ponto recai sobre os comércios, via de regra mais recentes, que remetem à características de exclusividade, como cafés de especialidade e padarias artesanais. Na zona há, portanto, uma sobreposição de camadas estéticas e temporais em que o vernacular parece conviver com a cena artística e a atmosfera gentrificadora.

A metodologia utilizada neste artigo baseia-se na análise das narrativas de cidade coletadas no PDM do Porto e em entrevistas semi-diretivas com artistas e profissionais da “classe criativa” que vivem, trabalham e/ou frequentam o Bonfim. As entrevistas foram realizadas de julho de 2020 a janeiro de 2021, durante minha pesquisa de terreno no âmbito do mestrado em Sociologia na Universidade do Porto sobre os pequenos comerciantes imigrantes no Bonfim. A fim de não assumir os limites autárquicos da freguesia enquanto a delimitação do terreno investigado, busquei

1 As *ilhas* são conjuntos de moradias com condições de habitabilidade na maior parte das vezes insalubres construídas nos fundos de terreno de casas burguesas para abrigar a classe trabalhadora na época do Porto industrial, nos anos 1800.

perceber quais seriam os limites geográficos do Bonfim simbólico para aqueles que o viviam. Isso me levou às entrevistas com atores sociais de alto capital simbólico (Bourdieu, 2011) na região, como comerciantes tradicionais e artistas e profissionais da “classe criativa”, para os quais coloquei duas questões: *Em que ruas diria que começa e termina o Bonfim, à Norte, Sul, Leste e Oeste? Em sua opinião, quais são as principais características do Bonfim?* Ao todo, foram realizadas dez entrevistas com pessoas ligadas à arte e à cultura no Bonfim das quais selecionei seis para este artigo (uma arquiteta, uma fotógrafa, uma designer, duas

arte-educadoras e um cozinheiro) por serem as mais representativas das narrativas dissidentes à da cidade-turística, cidade-competitiva e, portanto, também à do planeamento urbano. A partir da análise do PDM e das entrevistas foi possível contrastar essas duas narrativas – a dos fazedores de centro e a dos fazedores de margem, se assim se pode dizer – mostrando como são produzidas de maneira oposta por esses diferentes atores.

Onde se constrói a identidade da cidade?

De entre os sete objetivos estratégicos do novo PDM do Porto (CMP, 2020) constam reforçar a competitividade de base económica urbana, o crescimento do emprego e desenvolver a capacidade de afirmação do Porto às escalas regional, nacional e internacional. O texto explicita a valorização de uma suposta “identidade cultural, urbanística e arquitetónica do Porto” (CMP, 2020, p. 37), focando-se em duas principais frentes de inserção de cidades nas redes globais: atração de empresas na indústria do conhecimento e criativa; investimento no turismo, com foco na valorização patrimonial, tida como marca de distinção (Harvey, 2012) da cidade.

Reconhecendo a intensa pressão turística a que tanto a Baixa quanto o centro histórico ficaram condicionados nos últimos anos, o novo PDM propõe descomprimir a dinâmica turística das áreas centrais expandindo-as ao oriente da cidade. A zona oriental do Porto é apontada como um conjunto de áreas que, ao longo de décadas, teriam registado um intenso processo de marginalização. Disporia de “espaços industriais e de armazenamento obsoletos, desativados, concentrando igualmente um elevado número de ‘ilhas’ e outras formas de ocupação residencial degradada” (CMP, 2020, p. 29). Tornando-se, assim, uma região com elevada “margem de experimentação” (CMP, 2020, p. 31) em contraste com outras áreas mais consolidadas da cidade. Com isso, o novo PDM propõe produzir nesta área do Porto “centralidades novas, emergentes ou potenciais” (CMP, 2020, p. 38). Mantém-se, pois, a noção de centro no cerne do planeamento urbano, ainda que seu enfoque

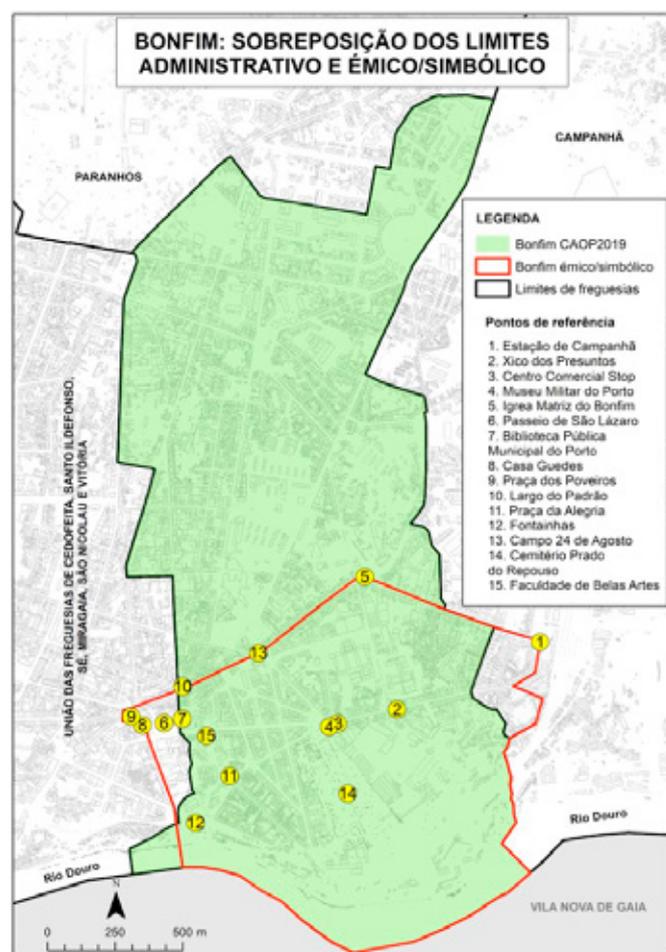


Figura 1. Sobreposição do mapa da freguesia do Bonfim, delimitação oficial, e o que é considerado Bonfim segundo 32 interlocutores entrevistados na zona, sendo dez pessoas ligadas às artes e à cultura. Fonte: Juliano Mattos.

geográfico agora recaia sobre a zona oriental da cidade.

Indo além, o relatório toca mais diretamente na questão da identidade urbana, promovendo uma polarização entre centros e margens ao afirmar que o centro histórico possui uma “imagem urbana muito afirmada” e é o “símbolo da Identidade Coletiva do Porto” (CMP, 2020, p. 41), enquanto na zona oriental “a diversidade e a fragmentação deste território concorrem para a existência de uma identidade urbana bastante débil...” (CMP, 2020, p. 44). Áreas de caráter histórico surgem no texto do novo PDM sempre associadas aos tecidos mais consolidados e antigos da cidade, que são considerados reminiscências de “lugares identitários”, como se não houvesse história e identidade produzida para fora do chamado centro histórico da cidade. Sem negar a existência de intensas desigualdades sociais e problemas de condições habitacionais na zona a serem resolvidos, o que se pretende destacar aqui é o modo como o novo PDM aponta a zona oriental do Porto enquanto um espaço destituído de significado, uma tábua rasa aberta a todo o tipo de experimentação.

Já as narrativas de cidade de profissionais criativos no Bonfim mostram que, ao contrário dos planeadores urbanos, esses atores sociais vêm as margens da cidade enquanto locais de produção de significados e de identidade urbana. É o que mostra a fala do casal Mariana², arte-educadora portuguesa natural de Cabo Verde, e José, cozinheiro nascido da Ilha da Madeira. Os dois mudaram-se para o Porto em 2014 para viver no Bonfim. “Dizem que toda essa zona do Porto nos anos 2000 era popular, mais pobre. Temos as *ilhas*, mas temos edifícios burgueses ao mesmo tempo”, diz Mariana. A inscrição territorial das desigualdades de classe é, como se observa em sua fala, constituinte do espaço urbano e social do Bonfim. As partes mais marginalizadas da zona surgem, para Mariana e José, como lugar de construção de pertença à cidade.

Quando viemos para cá, na rua de São Vítor [onde há a maior concentração de *ilhas* na região]

tinham as ocupações espontâneas, que era ir para espaços devolutos fazer festas. Não sei bem o que existe ou já não existe ali, há muitas obras. Mas era dali para baixo [em direção ao Passeio das Fontainhas na encosta do rio Douro], na rua do Heroísmo, e na linha de comboio devoluta já em Campanhã. (José, morador do Bonfim, cozinheiro)

Mestranda em arquitetura, moradora de um *co-living* e espaço cultural, ambiental e de economia solidária que, em dias de eventos, também serve comidas veganas, Sara considera o Bonfim uma zona de resistência do Porto. Diz que não está gentrificada como a Baixa e o centro histórico e é mais residencial, com casas de família e *ilhas* em situações precárias, casas abandonadas que precisam de reabilitação. Sara diz que, no entanto, espera que não aconteça no Bonfim o que ocorreu na Baixa/centro histórico, se referindo às reabilitações na zona central da cidade com intuito de servir ao turismo.

No Bonfim há também os coletivos que estão à **margem** do sistema, como o nosso e também outros, como A Gralha [centro social autogerido que se autodeclara feminista, antirracista, anti-especista e anticapitalista]. É um espaço mais à **margem**, de lutas várias que procuram fugir do **sistema opressivo que toma conta do centro, descaracterizado, com preços altos e lojas globais**. [Esses coletivos no Bonfim] são espaços que tentam resistir, ser de cá, sem preços abusivos. Há outras lutas também envolvidas, lutas políticas, sendo espaços onde as pessoas sintam-se confortáveis, sem preconceitos. (Sara, mestranda em arquitetura, uma das sócias de uma associação cultural, ambiental, de economia solidária e espaço de *co-living* no Bonfim. Destaques da autora.)

O que chama atenção na fala de Sara é que ela não apenas dá valor à margem, ao que é produzido na margem e tenta fugir do que chama de sistema de opressão, como também mobiliza as noções de centro e global mas numa chave negativa, portanto, oposta à do poder público que encara o centro como um modelo urbano e identitário a ser reproduzido em outras partes da cidade. Nota-se que a ideia de centro/centralidade permanece no cerne da discussão, ainda que aqui

2 Todos os nomes aqui apresentados são fictícios para preservar a identidade e privacidade dos entrevistados.

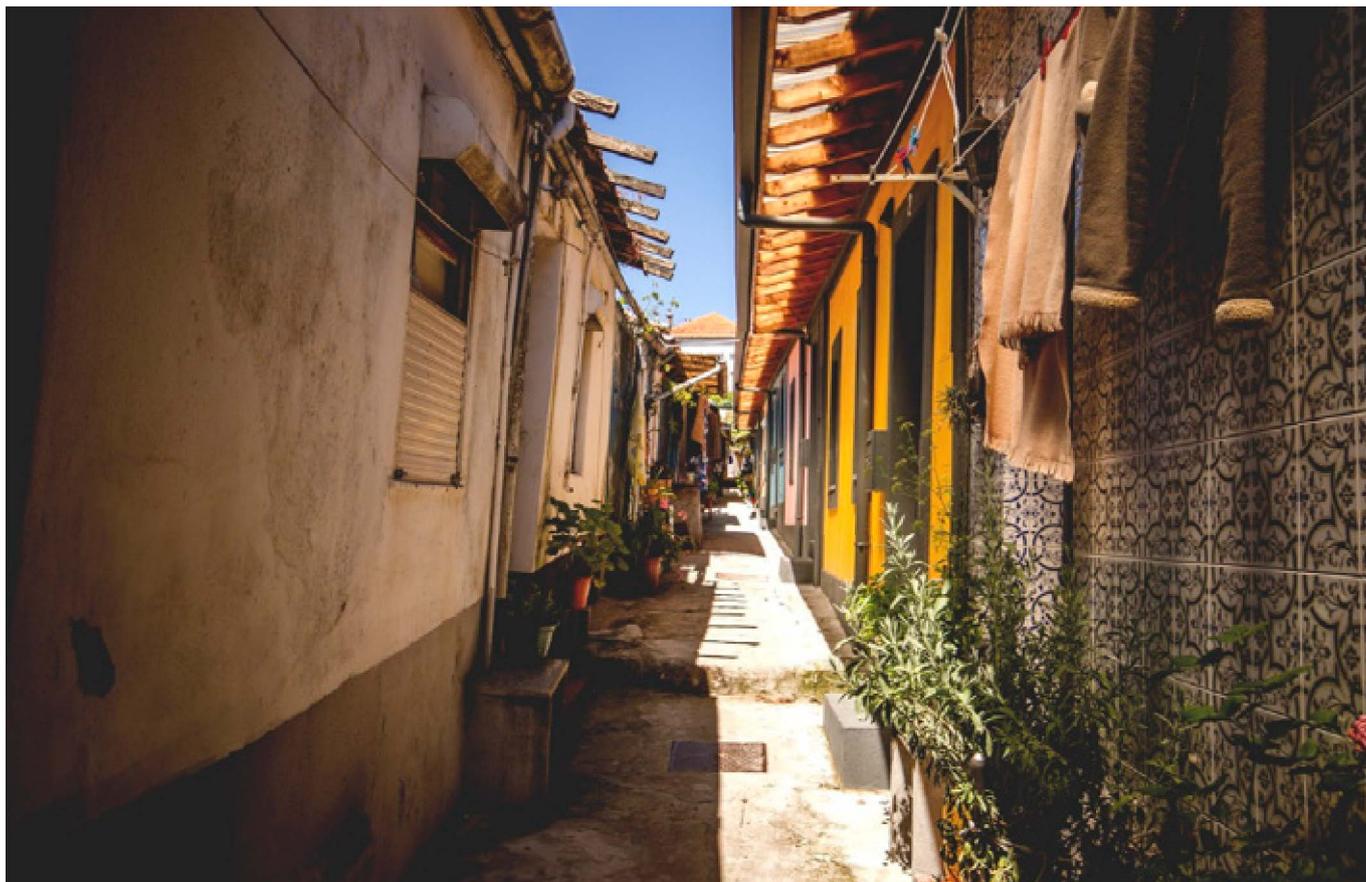


Figura 2. *Ilha* na rua de São Vitor, no Bonfim. Fonte: Juliano Mattos

de maneira invertida: o centro como algo a ser evitado e a margem a ser mantida a partir de várias lutas. Essa dialética entre centralidade e marginalidade aparece também na fala de Beatriz, designer gráfico, ativista da organização SOS Racismo e moradora do Bonfim. Ela é uma das criadoras de um jornal sobre o bairro.

Em 2018 lançamos um número do jornal sobre o Bonfim e as pessoas gostaram. Não tem grande conceito. É celebrar o Bonfim, fazer um jornal para os amigos. Tinha chegado há pouco tempo e estava maravilhada. **O Bonfim está cheio de histórias - das Belas-Artes, as *ilhas*, o cemitério. Há muitas diferenças, assimetrias no Bonfim e queríamos ilustrar isso.** (Beatriz, designer gráfico, moradora do Bonfim e cocriadora de um jornal sobre a região. Destaques da autora)

A fala de Beatriz também navega pela dialética centro-margem, perspetivando o centro como um lugar dominado pela lógica do turismo, enquanto o Bonfim ainda estaria à margem desta lógica, embora não ileso a essas novas dinâmicas. O café em que estamos localiza-se no entorno alargado da Faculdade de Belas-Artes: “Esse lugar é mais jovem, *hipster*, moderno, mas quando vai-se aproximando daqui, também sente-se uma história muito forte”, diz Beatriz. A fala de Beatriz remete ao Bonfim enquanto um território atravessado tanto por centralidades quanto por marginalidades. As centralidades se representariam tanto pelas casas burguesas, que acionam a imagem da classe dominante do capitalismo industrial de outrora, quanto pelo *hipster*, que remete aos repertórios de circulação global de consumo



Figura 3. Edifícios em diferentes estados de conservação no Bonfim. Fonte: Juliano Mattos.

e estilo de vida. Ao inserir a cidade nas redes de circulação de capitais, pessoas e emblemas, o *hipster*, de certa forma, remete à centralidade produzida pelo capitalismo global. No entanto, na fala de Beatriz, essa aparente polaridade entre centralidade e marginalidade não é colocada de forma hierárquica. As diferenças, assimetrias e desigualdades são algo a ser mostrado. Essa “história forte que se sente” não seria, pois, apenas a história do Porto burguês industrial ou da elite do capitalismo global, mas também das classes subalternizadas.

A arte-educadora Inês também valoriza a identidade portuense produzida por classes subalternizadas no Bonfim. Ela trabalha em uma associação cultural e esteve envolvida em projetos artísticos junto às comunidades das *ilhas* da rua de São Vítor. Com isso, conta, teria testemunhado

a transformação de algumas *ilhas* em Alojamento Local (AL), com a saída de moradores. Quer a zona de São Vítor, da Lomba ou a Travessa da Póvoa, todas no Bonfim, são muito frágeis do ponto de vista socioeconómico, afirma Inês. Mas ali, de alguma forma, ainda resistiria o que ela chama de “uma identidade ligada à história da cidade” – uma história, nesse caso, produzida por classes não-dominantes: “São pessoas daqui, são pessoas do Porto, nesse momento, autênticos resistentes, pois são os únicos que conseguiram ficar. Vivem em habitações muito degradadas com preços muito baixos, porque as outras casas foram recuperadas e alugadas a preços impossíveis”, afirma. Inês diz que atualmente sente dificuldade em se reconhecer na cidade. O que lhe traz sentido de pertença são os lugares que ainda não passaram pelo

processo de reconfiguração para o turismo – ou de recomposição de margem em centro.

Ainda preciso descobrir alguns recantos de um Porto, se calhar, meio abandonado e decadente, pois acho que o Porto também era isso, para me conectar outra vez. Ou melhor, não é só um Porto decadente, é esse Porto resistente e resiliente. Quando eu falo de decadência eu falo de espaços não rendidos ao turismo. Não é por fazer o culto da decadência, mas o culto do que é autêntico. (Inês, arte-educadora, mora e trabalha no Bonfim)

No primeiro confinamento devido à pandemia do Covid-19, em março de 2020, alguns habitantes e frequentadores das Fontainhas, zona à beira do rio Douro no Bonfim, passaram a ocupar um terreno público para plantar alimentos. José e Mariana contam que antes ali havia uma comunidade de cabo-verdianos a viver, mas a Câmara Municipal os teria despejado e partes das casas teriam sido destruídas, deixando terra fértil devoluta. De maneira auto-organizada, algumas pessoas começaram a limpar trechos do terreno e a fazer hortas. Joana, fotógrafa, conta um pouco sobre o processo.

Durante a quarentena, um dia a passear pelas escarpas, descobri a horta de uma senhora e disse: ‘ok, vou arrumar um espaço para pôr a mão na terra’. Falei com um amigo. Vinha a lua nova. Ótimo para plantar. Chegamos lá e dois irmãos tinham começado a limpar mato, foi vindo mais gente. No Messenger já somos quase 80 pessoas, há partilhas de tarefas, se for preciso. (Joana, fotógrafa, moradora das Fontainhas, no Bonfim)

As hortas das Fontainhas poderiam ser interpretadas pelo que Hall (2021) chamou de repertórios de resistência forjados por reinvenções de posse e formações de alianças. Essas hortas são uma forma de ocupação e uso do espaço para fora da lógica capitalista dominante do planejamento urbano e que, nesse sentido, a desafia, sendo incerto para alguns de seus produtores qual pode ser a ação da Câmara Municipal em relação à ocupação do terreno.

Discussão

Os dados mostram que a noção de identidade da cidade para o poder público se dá a partir de sua

centralidade historicamente construída, ou propriamente do centro histórico da cidade, tido como referência incontestável para o planejamento urbano. Isso levaria a uma política que tenta converter as margens em novos centros (Hall, 2021) em busca de mais-valia. Como afirma Hall (2021) o planejamento urbano convencional ainda não reconhece o valor das margens enquanto espaços de produção de cidade. Ao se manter o foco das políticas urbanas na conversão das margens em novas centralidades, cristalizar-se-ia a noção de hierarquia entre regiões da cidade que, neste entendimento, reproduzem a lógica mais alargada da hierarquia intercidades à escala global. Ou seja, a noção de “centro” é perseguida pela autarquia do Porto tanto a nível global (a cidade-global enquanto modelo a ser alcançado, com criação de infraestruturas para a economia globalizada e projeção internacional da urbe para atração de investimentos e turismo) quanto à escala da cidade (o centro urbano como modelo a ser reproduzido em outras partes da cidade).

Já para os artistas e outros profissionais criativos entrevistados no Bonfim, a noção de identidade urbana parece se produzir também a partir das margens e interstícios da cidade. Nesses espaços se constituiria uma identidade, ainda que não coesa, historicamente construída por classes não-dominantes. Para alguns dos profissionais criativos no Bonfim, a identidade portuense é sentida justamente na decadência das edificações que marcam que a população mais socialmente vulnerável, que vive em habitações degradadas pagando preços baixos, permaneça ali. De imediato, essa concepção pode remeter a um certo “fetiche da marginalidade” (Lloyd, 2010). No entanto, tomando a perspectiva de Harvey (2012), poder-se-ia também considerar que essa valorização da marginalidade, se assim se pode dizer, significa uma contestação à ideia de que autenticidade e originalidade são produtos exclusivos da geografia histórica burguesa e não da classe trabalhadora, do campesinato ou outros grupos que o autor denomina como não-capitalistas. Nesse sentido, pode-se refletir sobre que memórias coletivas estão sendo visibilizadas quando se adota uma estratégia urbana calcada na identidade e nas marcas de distinção (Harvey, 2012).

Enquanto o poder público recorre à identidade da cidade – produzida a partir da imagem do centro histórico e sua suposta singularidade – para projetá-la internacionalmente, os artistas e profissionais criativos valorizam a história da classe trabalhadora e outras populações subalternizadas na região enquanto produtoras de identidade. Mas essa identidade produzida nas margens, em oposição ao centro e pelas classes subalternizadas em oposição às dominantes, teria a função contrária à pressuposta pelo poder público: de preservar a cidade dos avanços do capitalismo neoliberal global, dos fluxos globais de capitais e emblemas e da ideia de que o único caminho possível para as cidades seria ir na direção margem-centro.

Conclusão

Neste artigo tentei demonstrar como a noção de competitividade urbana (Sassen, 2008) foi incorporada ao cerne do planeamento urbano não apenas das chamadas cidades globais, mas também em urbes não globais, caso do Porto. São cidades que estariam traçando estratégias para se aproximar de um modelo, considerado por Robinson (2006), uma ficção regulatória que faz com que potencialmente todas as urbes queiram ser cidades globais. Reproduzem, assim, via o planeamento urbano, fórmulas ligadas à criação de infraestruturas para o capitalismo global – com atração de empresas multinacionais, empreendedorismo cultural e criativo e aposta no turismo.

A partir da análise do novo Plano Diretor Municipal do Porto de 2020, que dá especial atenção à chamada zona oriental da cidade, historicamente marginalizada e estigmatizada, tentei perceber como os projetos de reabilitação urbana funcionam como tentativas de reconfigurar margens em centros (Hall, 2021). Foi possível observar que, na narrativa de cidade pelo poder público, o centro é uma referência que deve ser reproduzida em outras partes da cidade. Em oposição, a narrativa de cidade de profissionais criativos captadas por meio de entrevistas semi-diretivas conduzidas no Bonfim valorizam a história da classe trabalhadora e outras populações historicamente subalternizadas

enquanto produtoras de identidade. Essas margens permitiriam ainda o surgimento de iniciativas diversas e de contestação, ligadas à movimentos ecológicos, artísticos e de cunho não-capitalista, como as hortas comunitárias.

Harvey (2009) afirma que centros e margens se coproduzem de maneira relacional não sendo, portanto, meras oposições. Para ir além da polaridade, então, talvez fosse preciso perspetivar as políticas neoliberais de cidade e as práticas de resistência enquanto contínuos de um mesmo processo. Seria, assim, possível imaginar que nessa nova geografia dos centros e margens (Sassen, 2018), centralidades e marginalidades são constantemente reposicionadas tanto pelo planeamento urbano quanto por políticas de contestação.

Referências bibliográficas

- Agier, M. (2015). Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21(3), 483-498. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>
- Bourdieu, P. (2011). *A Distinção: Crítica social do julgamento* (1979). Zouk.
- Câmara Municipal do Porto (CMP). (2020). Plano Diretor Municipal do Porto: Relatório Consulta Pública. CMP/DMU. <https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/>
- Florida, R. (2012). *The rise of the creative class*. Basic Books.
- Hall, S. (2021). *The migrant paradox: Street livelihoods and marginal citizenship in Britain*. University of Minnesota Press.
- Harvey, D. (2009). *Social Justice and the City*. The University of Georgia Press.
- Harvey, D. (2012). *Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. Martins Fontes.
- Lefebvre, H. (1968). *Le droit à la Ville*. Anthropos.
- Lloyd, R. (2010). *Neo-bohemia: Art and commerce in the post-industrial city*. Routledge.
- Pinto, J. R. (2012). A Expansão Suburbana no Porto Romântico – O Caso da freguesia do Bonfim. *Percursos&Ideias*, 2(3), 3-20.
- Pinto, J. (2005). *O Porto oriental no final do século XIX: Crescimento e transformação urbana (1875-1900)*. Tese de mestrado em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Robinson, J. (2006). *Ordinary cities: Between modernity and development*. Routledge.
- Sassen, S. (2008). *The Specialized Differences of Global Cities*. Urban Age: Newspaper Essay.
- Sassen, S. (2018). The global city: Strategic site, new frontier. In L. Ferro, M. Smagacz-Poziemska, M. Gómez, S. Kurtenbach, P. Pereira, & J. Villalón. (Eds.), *Moving cities – Contested views on urban life* (pp. 11-28). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-658-18462-9_2

Zukin, S. (2012). The social production of urban cultural heritage: Identity and ecosystem on an Amsterdam shopping street. *City, Culture and Society*, 3(4), 281-291. <http://doi.org/10.1016/j.ccs.2012.10.002>

Priscilla Santos. Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto e doutoranda em Estudos Urbanos (Universidade Nova de Lisboa / ISCTE). Ciência ID: 9E11-3053-D49D. Contato: Priscilla_Santos@iscte-iul.pt

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 24 de janeiro de 2022. Aprovado para publicação em 20 junho 2022.